



Anna Beatriz Souza Coelho

LUTO E PERDA NA ADOLESCÊNCIA: COMO O ENFRENTAMENTO DESSE PROCESSO INTERFERE NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTITÁRIA DOS ADOLESCENTES - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rio de Janeiro

2023

Anna Beatriz Souza Coelho

LUTO E PERDA NA ADOLESCÊNCIA: COMO O ENFRENTAMENTO DESSE PROCESSO INTERFERE NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTITÁRIA DOS ADOLESCENTES - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Análises
Clínicas.

Orientador(a): Ana Paula Lucas Caetano de
Albuquerque

Coorientador: Renata Daniely Rocha de Souza
Sodré Martins

Rio de Janeiro

2023

LUTO E PERDA NA ADOLESCÊNCIA: COMO O ENFRENTAMENTO DESSE PROCESSO INTERFERE NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTITÁRIA DOS ADOLESCENTES - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Análises
Clínicas.

Aprovada em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Ana Paula Lucas Caetano de Albuquerque
(EPSJV/FIOCRUZ)

Roberta Gomes
(EPSJV/FIOCRUZ)

Kelly de Carvalho Meuser Batista
(EPSJV/FIOCRUZ)

Rio de Janeiro
2023

Esta monografia é dedicada a todos que presenciaram o mundo como um lugar cinzento, tornaram o luto as suas vestimentas, suas dores em lágrimas e a ausência em saudades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me proporcionar perseverança durante essa monografia, por me permitir ter ele como guia e força todas as vezes que a minha mente e o meu corpo enfraqueceram. Por me tornar capaz de transformar as minhas angústias, as minhas lágrimas e a minha dor num trabalho tão sensível e pessoal.

Não tenho palavras para expressar tamanha gratidão a minha família (Alexandre Coelho, Fabiene Souza e Anna Carolina) que me apoiaram em cada minuto, me confortando sempre com as suas palavras de sabedoria. Me encorajando com as suas esperanças e com o melhor incentivo que é o amor, que tem sido uma presença constante na minha vida.

Agradeço aos meus queridos amigos (Ana Beatriz Sales, Caio Rodrigues, Hilary Dias, Kauã Krauss, Lucas Aquino, Maryana Esther e Nicolle Vicente) — que compartilhei risadas durante esse período, que fizeram desses momentos inesquecíveis e importantes a cada dia. Agradeço por todos os conselhos úteis, bem como palavras motivacionais e puxões de orelha. Por cada lágrima que enxugaram e todas as pequenas, grandes coisas que tiveram um papel significativo no meu crescimento. Obrigado por terem sido o verdadeiro significado de “Rede de apoio”, simplesmente pessoas especiais que me deram vida.

Agradeço ao Felipe Gonzaga, meu incrível amigo e amado namorado, que nunca deixou de me incentivar e compartilhar inúmeros momentos de ansiedade e estresse. Obrigada por sua paciência e demonstrações de carinho.

Não poderia deixar de mencionar uma das pessoas que mais me motivou e esteve comigo nesse processo, que fez com que eu me sentisse cuidada, e se propôs a escutar todos os meus sentimentos. Obrigada, Anna Beatriz Duarte por me reanimar, me recarregar, tentar de todas as possíveis formas me reconstruir e trazer um conforto. Te agradeço por nunca ter desistido de mim e sempre acreditar no meu potencial.

Sou extremamente grata a todos os meus professores que me ajudaram no meu progresso acadêmico, e especialmente a Ana Paula Caetano, sendo responsável por orientar esse trabalho incrível. Obrigado pela sua confiança e dedicação inabalável, que nunca fez com que perdesse a confiança no meu trabalho, sendo sempre tão gentil e paciente.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio — Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo curso de análises clínicas que me proporcionaram uma experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços, por cada dedicação aos nossos conhecimentos e as suas prestações de serviço em meu desenvolvimento ao longo dos anos.

RESUMO

O luto pode ter um grande impacto na saúde física e mental dos indivíduos, em especial na juventude, situações que podem repercutir na autoestima e no convívio social; comprometendo a aquisição da independência, assim como a rotina diária e seu rendimento escolar. O presente projeto de monografia tem como objetivo compreender a vivência do luto e sua interferência na construção identitária dos adolescentes conceituando o luto (e suas possíveis formas); estudando as reações decorrentes dessa fase; descrevendo as diferentes formas que os adolescentes lidam com o enfrentamento do luto, além da apresentação da escrivência a partir da narrativa pessoal da autora sobre a temática, que problematiza sua história de luto e perdas na adolescência. Como metodologia tem uma abordagem qualitativa, a partir da revisão de literatura científica, com buscas nas bases de dados indexadas Lilacs, Scielo e Google acadêmico sobre a temática. Tem como resultados o conceito do luto através da perspectiva psicanalítica de Freud, o que se reflete em uma exploração das complexidades emocionais e psicológicas, que são, segundo a literatura, agravadas pelo desinteresse e desconhecimento por parte da sociedade em relação à experiência do luto, que pode submeter o jovem a fragilidade mental da pessoa enlutada devido aos conflitos emocionais típicos dessa fase da vida. Esses conflitos podem ter efeitos prejudiciais na formação da identidade e resultar em consequências psicológicas adversas, uma vez que o luto é um processo intrinsecamente doloroso. Sendo assim, o presente TCC tem relevância social e importância acadêmica visando a desmistificação em relação à vivência do luto por parte da sociedade; ampliação dos conhecimentos que podem apoiar familiares e demais interessados na compreensão dos adolescentes que passam por períodos de luto.

Palavras chaves: Luto. Perda. Adolescência. Saúde mental. Escrivência.

“A dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação que foi rompida pela morte, mas também é por meio desse amor que conseguiremos nos reconstruir.”
– Ana Claudia Quintana Arante

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. OBJETIVOS.....	12
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	12
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
2. METODOLOGIA	12
3. CONCEITO DE LUTO E FATORES SOCIOCULTURAIS RELATIVOS A VIVÊNCIA DO INDIVÍDUO	14
3.1 O luto.....	14
3.2 História da morte.....	15
3.3 As Cinco Fases/Estágios Do Luto.....	17
3.4 Luto patológico.....	20
4. ÀS DORES E EXPERIÊNCIAS DECORRENTES DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA 21	
4.1 Adolescência.....	21
4.2 Luto na adolescência.....	24
4.3 A oposição da elaboração do luto na adolescência.....	28
4.4 Redes de apoio.....	31
5. ESCRIVIVÊNCIA SOBRE O LUTO NA ADOLESCÊNCIA	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

O luto na adolescência surge a partir dos mais variados, profundos, intensos e primitivos sentimentos, que causam uma confusão emocional no adolescente, a qual implica consequências na interação dos enlutados¹ com a sociedade e sua construção identitária.

A adolescência é um período no qual pode-se identificar conflitos naturais por parte do próprio adolescente, visto que passam por mudanças biológicas (corporais e hormonais) e enfrentamento de questões psicológicas e sociais (SILVA, 2016). Rezende e Catarino (2017) afirmam que a vivência do luto, durante esse período, pode causar malefícios na construção identitária e consequências psicológicas, uma vez que faz referência a um processo doloroso.

Nesse sentido, o processo do luto provavelmente pode ter um grande impacto na saúde mental, exigindo um esforço de elaboração ainda maior, com o desequilíbrio emocional, redução da auto-estima, riscos para saúde, comprometendo a aquisição da independência, sua rotina diária e sua performance na escola. (PEREIRA, 2004; DOMINGOS; MALUF, 2003; BALK, 2000; DOMINGOS, 2000, apud MOTA, 2008).

A experiência dolorosa vira o mundo da pessoa enlutada de cabeça para baixo, gerando uma recomendação psicológica. Em que, é possível tratar as emoções devastadoras do luto, vivenciar todos os estágios e lidar com os sentimentos. Não acarretando o quadro de tristeza profunda, permitindo o processo de aceitação para reaprender a viver nessa nova realidade (REZENDE; CATARINO, 2017).

O luto é definido como uma reação à perda, em que geralmente é associado à morte, porém o processo está relacionado a um rompimento de um laço afetivo. Sendo caracterizado por um período de sofrimento. Provocando uma variação de sentimentos (tristeza, culpa, raiva, saudade, frustração, insegurança, solidão) e pensamentos constantes a situação acontecida, que se unem, afetando o enlutado não apenas psicologicamente, mas também fisicamente. Criando uma instabilidade emocional e cognitiva de quem passa pelo processo (SILVEIRA et al, 2017).

A duração do luto é um processo que difere de pessoa para pessoa, pois cada enlutado passa por uma experiência de modo singular. De acordo com Elisabeth Kübler-Ross (2004)

¹ pessoa que se encontra no processo do luto.

passamos por um processo delicado, conhecido como "fases do luto" ou "estágios do luto", na qual a pessoa passa por uma trajetória emocional de cinco fases, que são compostas pelos seguintes estágios; negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Fazendo com que através desse processo o indivíduo entre em contato com a sua nova realidade.

A morte e o significado da sua existência a partir de um sentimento de ausência, acaba desenvolvendo marcas nos adolescentes. Criando uma espécie de trauma, em que alcança um determinado ponto que os adolescentes não se reconhecem. Na qual o sujeito sente que há uma ruptura em si, que gera um desamparo. Fazendo com que apresentem fragilidade, fraqueza e insegurança. Que influenciam diretamente na construção identitária do adolescente (FREUD, 2011, apud ALMADA, 2019).

Diante dos estudos, Maffini e Rott estabelecem uma pesquisa, na qual afirmam que a nossa sociedade oculta qualquer emoção que remeta a vulnerabilidade. Em que a sociedade acredita que devemos viver em um sistema de felicidade, ocultando assuntos que são considerados mórbidos, como a morte ou emoções devastadoras. Conseqüentemente negligenciando o luto. Incentivando os enlutados a pensarem que a dor não deve ser vivida.

Contudo, levando a objetificação, adotado para a compreensão da desumanização do sujeito em processo de transformação em "coisas", desumanizando. Sem considerar o emocional ou psicológico, podendo temer a um julgamento social, dando espaço para hostilidade.

O desconhecimento e pouco interesse da sociedade em relação ao assunto, levaram a escolha do tema. De forma que possa ressaltar a importância do assunto para entendermos e sabermos lidar de uma maneira mais adaptada quando este processo chegar. Levando em conta que vivemos em uma sociedade em que a nossa cultura não está preparada para passar pelos processos de perda, ainda que mais cedo ou mais tarde estaremos diante desta situação (CRUZ, 2019).

O certo é que luto, morte e perda são assuntos considerados tabus, de modo que a sociedade associa o processo do luto com sentimentos negativos e a fragilidade. Sendo assim, a pressão social desencoraja as pessoas de enfrentar o luto, alimentando a ideia de repressão emocional do enlutado. Causando dificuldade na aceitação do vivenciamento do processo, fazendo com que o enlutado viva esse processo solitariamente. Logo, não sendo fornecido o suporte e acolhimento necessário, gerando a piora no sofrimento durante as fases do luto (CRUZ, 2019).

Portanto, o presente estudo busca compreender o processo do luto a partir do conceito estabelecido por Sigmund Freud, sobretudo na fase da adolescência, sua trajetória emocional, as fases do luto que são vivenciadas pelos indivíduos e consequências que podem acarretar na vida de um adolescente. Cujas discussões sobre a adolescência estão pautadas por Motta (2010), a partir da obra “Adolescência e errância – destinos do laço social no contemporâneo”.

Diante do conteúdo exposto, foi elaborada a seguinte questão norteadora: **“Como vivenciar o luto na adolescência?”**.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender a vivência do luto e sua interferência na construção identitária dos adolescentes.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) Conceituar o luto (e suas possíveis formas);
- 2) Estudar na literatura as reações decorrentes do processo do luto, perda na adolescência e rede de apoio;
- 3) Descrever o enfrentamento do luto na adolescência a partir das narrativas de vida baseada na escrevivência.

2. METODOLOGIA

Este projeto está baseado na abordagem qualitativa, através de uma revisão da literatura científica, por meio da busca de artigos científicos, monografias e livros nas bases de dados Lilacs, Scielo e Google acadêmico. Para a busca, serão utilizados os seguintes termos a respeito da temática: "Luto", "Adolescentes", "Construção identitária" e "Perda". Além de incorporar uma abordagem literária a partir do conceito de escrevivência apresentado pela autora Conceição Evaristo, que narra experiências de vida (EVARISTO, 2009).

Trata-se de um estudo reflexivo na psicologia e psicanálise, realizando, concomitantemente, leitura e fichamentos com unidade de contexto/parágrafo. A análise do material e empírico buscará responder à seguinte questão norteadora: **“Como vivenciar o luto na adolescência?”**.

Assim propondo uma análise em capítulos, que pautará a discussão do luto na adolescência e as suas questões sociais e culturais, a qual será estruturado da forma descrita a seguir:

- A **Introdução** pauta o contexto que a monografia abordará, ao apresentar os aspectos socioculturais que compreendem as relações do luto;
- O **Capítulo 1** dá prioridade à discussão pautada na psicologia e psicanálise associada ao conceito de luto e outros fatores socioculturais relativos a vivência do indivíduo;
- No **Capítulo 2** aborda o conceito de adolescência na sociedade contemporânea, associado às dores e experiências decorrentes do luto nesta fase da vida; análise de como os adolescentes lidam com as diferentes fases do luto, consequências do não enfrentamento, rede de apoio, autoajuda e atendimento especializado
- No **Capítulo 3** o estudo apresenta como a autora aborda a experiência de luto vivenciado na adolescência, a partir do entendimento das transformações que ocorrem nesta fase da vida, tendo como aporte literário da escrevivência, conceito da autora Conceição Evaristo, baseada nas narrativas e experiência pessoal.
- A **Metodologia** foi composta pela pesquisa bibliográfica, que por meio do levantamento em base de dados acadêmicas subsidiou a discussão e embasamento teórico, além da escrevivência, narrativa pessoal.
- As **Considerações Finais** traz uma reflexão do estudo em resposta à pergunta norteadora.
- Nas **Referências**, constam a literatura acessada para a elaboração do trabalho, até o presente momento.

3- CONCEITO DE LUTO E FATORES SOCIOCULTURAIS RELATIVOS A VIVÊNCIA DO INDIVÍDUO

3.1 O luto

A passagem de Sigmund Freud, fundador da psicanálise, promove uma exploração profunda em um ensaio escrito em 1917, conhecido como “luto e melancolia”. Tratando-se de uma das contribuições mais significativas na teoria psicanalítica, desenvolvendo uma abordagem a complexa relação entre o processo de luto e a condição clínica conhecida como melancolia.

O luto de modo geral é a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém (FREUD, 1917, p. 46).

Nesse sentido, Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) discorrem sobre o conceito de luto através da perspectiva psicanalítica de Freud. Salientando o entendimento sobre o luto como uma reação emocional e psicológica natural que ocorre em resposta à perda de algo ou alguém significativo, vivenciadas por uma série de emoções intensas, dolorosas e lentas. Conceitualizando o luto como um processo natural, que se manifesta de uma forma necessária, ressaltando a importância de permitir expressões associadas ao luto e reconhecendo a complexidade que pode surgir quando há sentimentos ambivalentes em relação ao ente perdido.

Logo, promovendo uma exploração acerca das complexidades emocionais e psicológicas associadas à “melancolia”, em que a mesma é introduzida às características de um processo complexo. Conceituada por ser uma reação à perda de um objeto amado, mas pode ser também uma reação a uma perda idealizada, na qual o objeto de amor não morreu, mas foi perdido enquanto objeto de amor, dirigindo sua hostilidade contra si mesma. Diante desse contexto, Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) apresentam na obra de Freud a melancolia associada a conceitualização de narcisismo “ego”, que coloca o próprio eu como alvo do próprio amor e o descreve como um reservatório do qual a energia psíquica pode ser direcionada - e retirada - para outros objetos.

Freud nos mostra, com a melancolia, a face noturna desse jogo entre sujeito e objeto que pode chegar ao suicídio. Com isso, não se trata apenas de explicar o fenômeno do luto e o quadro clínico da melancolia e da depressão, mas de romper definitivamente com qualquer postulação empírica do indivíduo como idêntico a si mesmo e distinto do objeto (com o qual ele entreteria uma relação de complementariedade). O eu só se constitui ao preço de sua divisão: ele deve fazer-se objeto para si mesmo. E deve se amar, ou seja, a libido deverá tomá-lo como objeto. Mas Narciso também pode se odiar e chegar a abandonar ou aniquilar a si mesmo. Se seu apaixonamento é perigoso por sua exclusividade, como aponta a lenda grega, a escolha de objeto não basta para salvá-lo, pois o objeto deve ser perdido. Trata-se, fundamentalmente, em “Luto e melancolia”, de conceber o eu como um trabalho de perda do objeto (RIVERA, 2012, p.234).

Portanto, o cerne da discussão entre Luto e Melancolia reside na concepção do eu como um processo de lidar com a perda do objeto, ou seja, o ente querido. De fato, uma das principais mensagens trazidas por Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) discute que a mera ausência do objeto não significa automaticamente que ele esteja separado de nós, por isso, é necessário que o enlutado inicie e/ou vivencie um verdadeiro trabalho psíquico de elaboração da perda, denominado por Freud de "trabalho de luto- uma tarefa progressiva e dolorosa através da qual o ego não apenas se separa do objeto, mas também se reconstrói” (RIVERA, 2012).

Logo, o luto por ser uma resposta natural à perda, com uma ênfase na expressão pessoal da dor, possui uma associação com a história da morte. Uma vez que, o luto, ao longo da história, foi moldado por crenças, práticas e valores culturais, a forma como lidamos com a morte reflete a evolução da sociedade ao passar por transformações significativas e das crenças sobre a vida após a morte.

3.2- História da morte

Em resenha, Oigman (2007), oferece uma análise profunda das complexidades emocionais associadas ao tabu da morte e ao luto, que continuam a ser influentes na teoria e prática da psicanálise e na compreensão contemporânea da resposta emocional à perda. Uma vez que, Rodrigues (2006) adota uma perspectiva que considera a morte como uma representação social, analisando as tentativas de suprimi-la e distanciá-la do cotidiano. Ao abordar a forma como diversas sociedades concebem e enfrentam o processo de morte e morrer, o autor conduz uma abrangente exploração na interpretação das representações sociais da morte envolvendo uma

análise extensiva das práticas e crenças funerárias adotadas em diferentes culturas. Como cita Rodrigues (1983 *apud* OIGMAN, 2007, p. 1).

“inferno ou céu para os cristãos e os muçulmanos, Campos Elisios para os gregos antigos, reencarnação e metempsicose na filosofia oriental, passagem para o reino dos ancestrais na África. Por toda a parte a morte é entendida como um deslocamento do princípio vital.”

Examinando a evolução da percepção da morte ao longo da história, especialmente na cultura ocidental. Contextualizando-a com os processos históricos e econômicos que influenciaram essa visão, discorrendo sobre a morte ser um produto da história. Oigman (2007) em sua resenha sobre o livro “Tabu da morte” ressalta o paradoxo da sua presença marcante na sociedade, mesmo sendo um tema muitas vezes evitado. Diante disso, iniciou-se na idade Média, na qual a morte era um fenômeno ritualizado comum e considerado parte da vida. Porém, logo surgiu um sentimento de individualidade que questionou os conceitos como salvação, imortalidade e dando início ao medo do desconhecido começar a se manifestar, criando novas dinâmicas sociais, a partir do século XV. Entretanto, Rodrigues (2014) afirma que no período medieval a morte era uma entidade da vida, sendo considerada uma fase necessária para a renovação e rejuvenescimento permanente.

Sequenciado por outra perspectiva em relação à morte torna-se mais dramático, culminando no que o autor chama de “morte romântica”, uma sensação insuportável de despedida, e o luto se torna um fenômeno comum na comunidade. Alterando mais uma vez, como um evento perturbador que representou uma interrupção na vida normal. De modo que as autoridades familiares, médicas e públicas têm agora maior controle sobre as práticas funerárias, desenvolvidas em torno da ideia de beleza do falecido, simbolizando o desaparecimento da dor e mascarando o medo da morte (OIGMAN,2007).

No entanto, a partir do século XX, Oigman (2007) menciona uma mudança revolucionária na percepção da morte. Deixando de ser vista como parte integrante da vida e passa a ser ocultada e tratada com aparente indiferença. O luto se torna um processo mais privado, visando poupar a coletividade.

A neutralização dos ritos funerários e a ocultação da morte refletem a dificuldade social em lidar com esse tema. Realçando o processo de mudança do local do óbito para o hospital,

onde o paciente se despersonaliza e a família fica protegida do estresse emocional. Isso contribuiu para o surgimento de mitos da imortalidade humana e de uma nova escatologia. Desenvolvendo o significado social e político do silêncio que cerca a morte na sociedade industrial. Criticando o papel da mídia na abordagem da questão da morte, observando que as notícias sobre a morte são muitas vezes distantes e irrefletidas, reforçando o tabu que cerca o assunto.

A morte passa a ser inserida no modo de vida capitalista, como disse Rodrigues (2014, p.1).

Diferentemente, no modo de vida capitalista, seres humanos que se definem como indivíduos passam a testemunhar de modo crescente, quanto aos outros, que o destino do indivíduo ao se transformar em morto é deixar de ser uma pessoa e volatilizar-se no esquecimento. E isto ele não pode aceitar, pelo menos para si.

Perante ao sistema capitalista, a concepção de felicidade não está ligada ao compreensível ato de existir e experimentar emoções, mas sim ao que está ausente, prometendo ser alcançada por aqueles que a "conquistam". Levando em conta da morte questionar a validade desses princípios, que sugerem possíveis equívocos existenciais. Em virtude disto, no contexto capitalista, a morte é numerosas vezes renunciada, disfarçada e minimizada. Originando uma cultura de negação da finitude da vida.

Portanto, a reflexão acima se refere à tendência cultural de evitar discussões abertas e honestas sobre a morte e o processo de morrer. Perante a uma cultura onde o tabu da morte é prevalente, gerando, conseqüentemente, uma influência na forma como as pessoas lidam com o luto. Resultado em uma relação intensificada aos estágios/ fases do luto apresentadas posteriormente.

3.3 - As cinco fases/estágios do Luto

A duração e definição do “processo do luto” variam de pessoa para pessoa, uma vez que cada enlutado vivencia essa experiência de modo singular. Nesse percurso, ocorre a manifestação que, de acordo com a autora do livro “Sobre a Morte e o Morrer”, Kubler-Ross (1996) descreve certos estágios ou fases emocionais dentro do processo de luto, totalizando cinco: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Por sua vez, esses estágios são considerados componentes

essenciais do processo de aceitação e superação, nos quais o enlutado pode experimentar diferentes fases simultaneamente ou alternar entre elas.

“A negação funciona como um pára-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais.” (KÜBLER-ROSS,1996, p. 52). Assim, a negação é identificada como o primeiro estágio ou fase e se manifesta como um mecanismo de defesa psíquica, no qual o indivíduo bloqueia a percepção da perda. Nesse estágio, a pessoa pode experimentar intensa dor, sensação de atordoamento e entorpecimento, além de apresentar dificuldade em se conectar com a realidade. Nesse sentido, podendo levar ao isolamento, caracterizado por momentos de reflexão, quietude e silêncio.

"Não, não é verdade, isso não pode acontecer comigo!" Se for esta nossa primeira reação diante de uma notícia catastrófica, uma nova reação deve substituí-la quando finalmente formos atingidos: "Pois é, é comigo, não foi engano." Felizmente, ou infelizmente, são poucos os pacientes capazes de criar um mundo de faz-de-conta onde permaneçam dispostos e com saúde até que venham a falecer. Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento. Surge, lógica, uma pergunta: "Por que eu?" (KÜBLER-ROSS, 1996, p.63).

Conforme a citação, a raiva é designada como o segundo estágio e se caracteriza pelo surgimento da realidade da perda, substituindo a negação. Nessa fase, o enlutado experimenta uma intensificação emocional, resultando em agressividade, causada por uma revolta direcionada tanto às pessoas envolvidas quanto a si mesmo. Surgem questionamentos, por exemplo, "por que?" e "por que com ele?", acompanhados de sentimentos de inveja e raiva por terem sido deixados para trás. Logo, pode haver também sentimentos de mágoa em relação ao que não foi vivido ou à falta de oportunidade de se despedir adequadamente.

O terceiro estágio, o da barganha, é o menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto. Se, no primeiro estágio, não conseguimos enfrentar os tristes acontecimentos e nos revoltamos contra Deus e as pessoas, talvez possamos ser bem-sucedidos na segunda fase, entrando em algum tipo de acordo que adie o desfecho inevitável: Se Deus decidiu levar-me deste mundo e não atendeu a meus apelos cheios de ira, talvez seja mais condescendente se eu apelar com calma." (KÜBLER-ROSS,1996, p. 95).

O terceiro estágio, conhecido como barganha, desempenha o papel de negociação, no qual a pessoa busca estabelecer acordos, seja internamente ou com Deus e divindades. Desse modo, trata-se de uma tentativa de controlar ou reverter a perda, na esperança de que as coisas possam

voltar a ser como antes. Posto isto, surgem pensamentos como "Se eu tivesse feito diferente", "Se eu melhorar, eu prometo...", "Se a pessoa ficar bem...". Portanto, a pessoa busca encontrar uma estratégia viável e tenta recuperar o que foi perdido, alimentada pela esperança de que essa negociação possa se concretizar.

Conforme a teoria, o quarto estágio é caracterizado pela depressão, que representa uma resposta natural à perda. Então, a pessoa vivencia sentimentos de profunda tristeza, desesperança e falta de energia, além disso, o luto se manifesta de forma intensa, e não é mais possível negar ou se revoltar contra o que aconteceu. A depressão pode se manifestar de maneira reativa, surgindo quando a perda está próxima ou iminente. Nesse momento, o enlutado deixa de fantasiar realidades alternativas e volta-se para o presente, experimentando uma profunda sensação de vazio. Posteriormente, a pessoa se conscientiza plenamente de que a vida não será mais a mesma. Durante esse estágio, tende a se tornar mais quieta, dedicando-se a repensar e processar o passado, enquanto analisa o impacto da experiência.

Finalmente, chegando ao estágio final, a quinta fase, que é a aceitação. Nesse período de aprendizado, o enlutado encontra-se mais sereno e consegue expressar seus sentimentos de forma mais clara. Sendo assim, a aceitação não implica necessariamente em "superar" a perda ou sentir-se feliz novamente, mas sim em encontrar uma maneira de viver com a perda. Por isso, a dor emocional do luto vai se atenuando com o tempo, sendo um processo necessário para reorganizar ativamente as próprias ideias e fortalecer-se mentalmente. Desta forma, o enlutado aprende a aceitar a realidade da perda e encontra maneiras de seguir adiante, mesmo com a ausência do ente querido.

Nós aprendemos a viver sem aquele que se foi. Nós começamos o processo de reintegração, tentando colocar de volta nossos pedaços que haviam sido arrancados (KÜBLER-ROSS; KESSLER, 2005,p.25, tradução NETO; VALDECI,2015).

Diante das vertentes, o processo do luto é necessário e crucial diante de qualquer perda significativa, pois ajuda a preencher o vazio deixado e permite que a vida daqueles que o vivenciam prossiga. É uma forma natural de lidar com as emoções e promover a cura emocional. No entanto, embora o luto seja um processo fisiológico e geralmente necessário, também pode se manifestar como luto patológico, no qual o enlutado enfrenta um processo de luto prolongado, intenso e debilitante (SILVEIRA et al., 2017).

3.4 - Luto patológico

O processo do luto é caracterizado por ser uma reação constantemente natural, envolvendo tanto aspectos emocionais e psicológicos comuns diante de uma perda (M. K. SHEAR, GHESQUIERE, & GLICKMAN, 2014). Contudo, em casos de má adaptação, causará sintomas persistentes, prolongados e intensificados. De acordo com Marques (2018), o luto patológico é uma forma de manifestação semelhante ao luto normal, no entanto representa uma reação clínica que vai além dos sentimentos de tristeza e dor associados à perda, manifestando uma resistência em aceitar a realidade da perda.

Essa condição é caracterizada por sintomas extremamente debilitantes, resultantes de diversos fatores, e que têm um impacto significativo na vida do indivíduo. Baseado nisso, acredita-se que a intensidade das emoções desempenhe um papel importante, como a sensação de vazio pela ausência da pessoa, a falta de crença na perda, a raiva, a tristeza e a solidão. Consequentemente, esses sentimentos desencadeiam uma série de perturbações mentais, com uma sensação avassaladora de culpa, chegando ao ponto em que o enlutado pode desejar ter morrido no lugar do ente querido. Além disso, há culpa em relação às circunstâncias da perda e uma sensação de perda de identidade (MARQUES, 2018).

Em vista disso, a pessoa enlutada pode perder o entusiasmo por atividades que antes lhe traziam prazer, sentir-se desconectada de seus objetivos e metas pessoais, e ter dificuldade em visualizar um futuro, o que impacta negativamente seu dia-a-dia e suas relações interpessoais. No contexto específico dos adolescentes, o processo do luto pode apresentar características particulares devido às suas necessidades de desenvolvimento e às complexidades emocionais dessa fase da vida.

4. ÀS DORES E EXPERIÊNCIAS DECORRENTES DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA

4.1 - Adolescência

Em consonância com o primeiro capítulo, abordaremos a seguir a adolescência e as dores em decorrência do luto e da perda. Mas o que é adolescência? O termo “adolescência” tem uma etimologia intrigante, com duas origens possíveis, cada uma delas com grande significado em relação ao adolescente. Uma origem deriva do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando um “processo de crescimento”. A outra origem é *adolescere*, que significa “doença”, “enfermar” ou “dor de crescer”. Esta dupla derivação sugere uma propensão para o crescimento físico e psicológico, ao mesmo tempo que reconhece a turbulência emocional que acompanha as convulsões biológicas, mentais e emocionais desta fase da vida. Inevitavelmente, diante de um destino desconhecido, o adolescente fica angustiado com os desafios que terá pela frente (MUNIZ, 2004; OUTEIRAL, 2003).

A adolescência, atualmente, é amplamente reconhecida por ser um período de transição entre a criança e o adulto. Para Pereira (2004) são considerados na fase da adolescência, os indivíduos de 10 a 24 anos, segundo dados da Organização Mundial da Saúde - OMS. Esse dado marca uma ampliação da definição anterior, que abrangia essa fase da vida apenas aqueles com idade entre 10 e 19 anos.

A adolescência é caracterizada como um emaranhado de fatores de ordem individual, por estar associada à maturidade biológica, e pelos impulsos do desenvolvimento físicos, emocionais, cognitivos, sexuais, sociais, que os desempenham alcançar os propósitos referentes às expectativas culturais do povo na qual está inserido (PEREIRA, 2004).

Segundo Brasil (2007), a fase da adolescência é marcada a partir dos primeiros sinais de maturação sexual, sendo introduzidos pela puberdade, que por sua vez, constituem parte da adolescência, caracterizada principalmente pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudanças na composição corporal, alterações hormonais, marcando o início concreto da adolescência e um término, no caso, quando o adolescente consolida o seu crescimento e a sua personalidade.

É importante destacar, que a maturação juvenil se expande para um desenvolvimento social e psicológico numa determinada fase da adolescência, que acentua o progresso intelectual e comportamental do indivíduo e destaca a capacidade crescente de pensamento subjetivo e lógico, que conseqüentemente, pode ocasionar uma melhor percepção do “eu” e uma reflexão sobre a existência, denominada autopercepção, que muitas das vezes se transforma em autoconsciência. Essas percepções, promovem uma extensão para o desenvolvimento do âmbito emocional, atribuída ao desenvolvimento neurológico, em relação à maturação das regiões cerebrais que controlam suas emoções (BRASIL, 2007).

Além disso, a concepção de adolescência pode ser influenciada por fatores culturais, sociais e históricos ao longo de diferentes períodos, devido à evolução social. Posto isso, Faria e Leão (2007) realizam uma breve exploração do desenvolvimento do conceito da adolescência, que evidencia uma análise e ressalta a distinção clara entre crianças e adultos nas sociedades primitivas e a passagem para a vida adulta. Neste contexto, os autores argumentam sobre a hierarquização social, representada pela subordinação dos jovens, principalmente no contexto econômico, ressaltada pela ideia de que a duração e a natureza da adolescência são construções sociais, e não apenas determinadas pela biologia.

Opostamente, a pesquisa de Motta (2010) fundamentada pela análise do livro “Adolescência e errância – destinos do laço social no contemporâneo”, publicado pela editora Nau, dialoga sobre os adolescentes e suas dificuldades, apresentando a passagem da infância para idade madura que, constantemente, obtém uma vivência conhecida como a “crise adolescente”, relacionada a uma característica típica da civilização contemporânea, sendo esta publicação analisada por este trabalho para responder as indagações sobre a adolescência.

Neste contexto, Motta (2010) disserta sobre a associação da construção social da adolescência na família moderna, e menciona que não passa de um segmento de modificações socioeconômicas, que se sucederam entre os séculos XVIII e XIX, que viabilizaram o ideal individualista da fase adolescente, ou seja, o indivíduo e o ambiente social.

No entanto, a inicialização do século XXI diferencia-se do cenário que se encontrava a adolescência no período anterior, que tinha um contexto com foco no indivíduo e na construção social. À vista disso, os jovens precisam suportar mudanças na sociedade contemporânea,

marcadas pela imersão na cultura capitalista do consumo e pela influência das novas tecnologias, mídia, telefones celulares e internet. Desafiando a juventude a passar por obstáculos de ordens socioeconômicas e psicológicas para a construção de projetos futuros (MOTTA, 2010).

"O que marca a geração atual é a sua imersão na sociedade de consumo, centrada no presente e na posse de objetos e as influências das novas tecnologias, da mídia, do telefone celular e da Internet, que repercutem em várias dimensões da vida do jovem", diz Luciana. "A adolescência hoje é marcada por desafios na construção de projetos futuros, pela busca por novas maneiras de se relacionar amorosa e sexualmente e pelo envolvimento por vezes problemático com drogas e situações de violência" (MOTTA, 2010 apud COUTINHO, 2009)

Sendo assim, cabe destacar que a situação dos indivíduos em fase de adolescência a partir do século XXI, se distancia das experiências vivenciadas pelos sujeitos adolescentes que passaram pelo século XX, uma vez que o uso da tecnologia foi marcante para as relações dos cidadãos a partir da era digital. Desta forma, Motta (2020) destaca que na abordagem psicanalítica, o que caracteriza o jovem de hoje é o fato de estar submetido às mudanças aceleradas pelas quais vem passando a sociedade contemporânea, que implicam diretamente nas relações entre o luto e adolescência temática abordada neste trabalho, que será abordada no subtópico 2.2.

Palácios (1995) ao realizar uma resenha sobre "O que é adolescência?" evidencia as visões de Hall(1904), que descrevem a adolescência como um período de "tormenta e drama", influenciadas pelo movimento romântico alemão do século XVIII. Salientando as turbulências, mudanças dramáticas e tensões psicológicas associadas a essa fase da vida (PALÁCIOS, 1995 apud HALL, 1904).

Em contrapartida, ressalta as observações de Mead (1998) através do seu ponto de vista contrastante, onde conclui em sua pesquisa que os jovens em Samoa passam por transições da infância para a maturidade sem demonstrar indícios especiais de tensão ou dificuldades (PALÁCIOS, 1995 apud MEAD, 1998).

As perspectivas levantadas anteriormente oferecem descrições aparentemente incompatíveis com a fase da adolescência, na qual algumas enfatizam as turbulências e os dramas em oposição a outra que reforça a influência cultural na forma como essa fase é vivida. No

entanto, a literatura destaca que, apesar das visões positivas sobre a adolescência, existem dados inquestionáveis relacionados a problemas como abandono escolar, e dificuldades de ajuste familiar. Isso indica que, embora a adolescência possa ser vivida de forma suave em algumas culturas, em outras ela pode envolver desafios significativos, sobretudo na vivência do luto.

Bem pode acontecer, pois, que o adolescente que se defronta com conflitos, faça-o em um contexto familiar e extrafamiliar em que são frequentes os conflitos alheios ao adolescente - mas que nele repercutem. Pais e professores acusam, com frequência, os adolescentes de não saberem o que querem. Certamente os adolescentes estariam, muitas vezes, em seu direito, se respondessem aos pais e educadores que estes não sabem o que lhes oferecer. Em meio a esses problemas e conflitos, a maioria dos adolescentes realiza uma adaptação razoavelmente boa e transitam de uma fase evolutiva à outra com tensões e conflitos aos quais podem enfrentar e que a grande maioria irá resolver, de maneira geralmente satisfatória. (PALÁCIOS,1995, p.270)

4.2- Luto na adolescência

Percebe-se que a adolescência é um momento que realça a relevância da reestruturação psíquica, visto que não se trata apenas de mudanças internas, mas também de ajustes necessários no mundo social do adolescente. Exigindo formas de interação e convivência, o que pode ser desafiador e, por vezes, desconcertante para o jovem. (MELES,2014)

Logo, Meles (2014) com sua análise introduz a teoria de Aberastury e Knobel (2011) que estabelece o pensamento dos três lutos simbólicos que o adolescente enfrenta que representam processos emocionais complexos: o primeiro é o luto pelo corpo infantil, que são as mudanças biológicas se impondo ao adolescente, sem que possa interditar ou reduzir essas alterações, como, a voz, os pêlos, espinhas, as novas sensações. O segundo pelo papel e identidade infantis, em que surgem nessa nova fase as novas responsabilidades, sendo submetido a abdicar a identidade infantil, requerendo uma nova postura, uma intensificação em relação às cobranças futuras, como espécie de estágio adulto. Já o terceiro destaca-se pelo relacionamento com os pais na infância, retirando os pais do posto de idealização e devoção, entendendo que todos estão sujeitos a falhas e defeitos.

Sugerindo que a elaboração dessas mudanças, também consideradas como lutos, é essencial para que o adolescente se adapte e aceite as alterações que a puberdade traz consigo.

Considerando, que isso implica não apenas em aceitar as mudanças físicas, mas também em compreender e internalizar as novas responsabilidades e expectativas que surgem nessa fase da vida.

A compreensão da morte se dá ao longo do desenvolvimento humano. Desde a infância, as pessoas têm contato com perdas, mas é a partir da adolescência que esse entendimento se completa. Nessa etapa da vida o jovem entende o significado da morte, porém, habitualmente não pensa muito sobre este fato. (ANTONIO, C. et al, 2021,p.2)

Domingos e Maluf (2003) relatam seu ponto de vista, ao ressaltar as complexidades citando Bowlby (1993) com os pressupostos da etologia e da psicanálise em sua teoria do vínculo, afirmando que o adolescente, assim como a criança, manifesta o luto como resposta à quebra de um vínculo afetivo.

Posto isso, o luto terá iniciação pela influência da ligação pré-existente entre o enlutado e a pessoa falecida, pois esta relação determina como o luto será vivenciado e qual será sua duração, uma vez que os recursos para enfrentar a perda estão diretamente ligados à qualidade do vínculo que existia anteriormente (MELES, 2014).

Neste contexto, o luto pode desenvolver uma relação do adolescente com a morte e suas reações a perdas físicas (funções fisiológicas, órgãos sensoriais, mutilações, entre outros), ou seja, que podem preceder a morte de um ente querido. Sendo assim, essas reações são determinadas como características próprias, especialmente porque são influenciadas pela fase específica do desenvolvimento em que se encontram. Outra relação a ser destacada é o luto pela perda do amor do objeto, sendo esta muito característica da fase adolescente de namoros e amor juvenil (MALUF; DOMINGOS, 2014).

Referente a algumas experiências de perda durante a adolescência, Levenfus e Nunes (2010) dialogam com uma abordagem clara e cuidadosa sobre o impacto da morte de um dos pais na adolescência. Destaca a reorganização necessária na dinâmica familiar e nas responsabilidades diárias do adolescente, na qual a morte trouxe uma transformação significativa, exigindo uma nova configuração familiar, agora sem a presença de um dos membros, enfrentando possíveis rupturas que alteram sua condição de filho e o colocam em uma nova situação de órfão (PAPALIA; OLDS, 2000).

Cabe ressaltar que Silveira et al (2017) desenvolveu uma abordagem, considerando a importância da amizade e a influência das perdas na construção da identidade do adolescente. E considera que perante a morte de um amigo íntimo, pode ser tão desestabilizadora quanto a perda dos pais durante esse período, uma vez que é relevante pelo fato das amizades terem papel “crucial” na vida do adolescente, muitas vezes suprimindo necessidades sociais e emocionais que podem ser negligenciadas pela família (DOMINGOS, MALUF, 2003).

Nesse contexto, cabe salientar a fragilidade emocional dos enlutados adolescentes devido a possíveis reações como vulnerabilidade e mortalidade, confrontando a fantasia de imortalidade, especialmente em casos de mortes repentinas, como suicídios e homicídios de pessoas próximas com quem o adolescente se identifica, pode funcionar como um alerta e deve ter atenção dos responsáveis e da sociedade, sobretudo a partir de relatos nas redes sociais identificando dores e sofrimento.

Domingos e Maluf (2003) elaboraram uma análise das reações e testemunhos que descrevem as diferentes reações e emoções vivenciadas por adolescentes diante de perdas, destacando a intensidade das emoções envolvidas. Sendo, evidenciado a variedade de sintomas físicos e psicológicos que podem surgir nesses momentos, proporcionando um retrato abrangente das reações típicas nesse contexto.

Por isso, a análise dos vínculos estabelecidos pelos adolescentes com pessoas falecidas revela a profundidade dessas conexões por meio das reações observadas diante da quebra desses laços. Os depoimentos indicam que o rompimento desses vínculos resulta, na maioria das situações, em uma desorientação intensa. É como se o mundo desabasse para esses jovens, e a ausência do ente querido gera uma sensação de falta de sentido em suas vidas (DOMINGOS; MALUF, 2003).

eu chorei muito... queria ir junto; foi uma grande perda; era a única pessoa que eu tinha; eu gostava muito dele... eu não queria que ele morresse por nada... uma vez eu pensei que se ele morresse eu iria junto. me abalei demais, porque era o único amigo, o único irmão, o único assim tudo que eu passava ele passava, então eu só tinha ele, eu não tinha mais ninguém, porque meus pais estão separados e meu padrasto não gosta muito da gente né, o meu pai ele não liga pra gente mesmo desde pequenininho, desde quando nasci não liga ... então eu me abalei assim muito e queria ir junto com ele, queria que tivesse sido comigo do que com ele né, porque foi demais (menina, 18 anos, perdeu irmão por afogamento) (DOMINGOS, B.; MALUF, 2003, p.4).

Apresentando as contribuições de Bowlby (1993) que evidenciam a elevada tensão inerente a perda e ao estágio do processo de luto, que gera o entorpecimento ou choque como uma resposta clínica subsequente ao momento da notícia da perda, descrevendo-o como um estado que pode persistir por horas ou semanas, sendo particularmente desestruturante quando a perda é repentina. Sendo bem descritas como pavor, desorientação, choque e desespero, ressalta a intensidade do impacto emocional experimentado pelos adolescentes. Obtendo a identificação da fase de evitação ressalta a complexidade dos sentimentos englobando desde raiva, dor intensa, tristeza, histeria até protesto e o desejo de evitar a realidade, comparando-a a uma espécie de anestesia que permite ao enlutado vivenciar a dor de maneira progressiva e menos desestruturante.

-não podia acreditar, senti um baque, fiquei desesperado, não sabia o que fazer, fiquei congelado na hora, veio aquele choque(DOMINGOS; MALUF, 2003; p.5).

As reações em relação a perdas repentinas por homicídios, evidenciam uma raiva e agressividade, frisando um sentimento de impunidade, contribuindo para a sensação de vitimização e vulnerabilidade.

...fiquei revoltada da vida porque meu pai tinha tudo pra viver, 47 anos, novo pra caramba e tiraram a vida dele... nossa, se tivesse morrido mesmo porque estava na hora, mais ou menos ... A gente fica mal por dentro quando não sabe o que pensar ... se eu pudesse chegar nessa pessoa...(o assassino) veria o que faria na hora ... nossa, fiquei super mal, fiquei acabada por dentro. Nada justifica uma pessoa tirar a vida de outra, é horrível. (menina, 17 anos, perdeu o pai assassinado) (DOMINGOS; MALUF, 2003, p.5).

Noutras possíveis situações de raiva, os adolescentes podem expressar sentimentos de culpa, por presumirem que poderiam ter interferido no ocorrido, ou que poderiam ter tido alguma autoria pela morte, onde novamente as questões de controle podem desempenhar um papel importante. Outro aspecto da culpa pode surgir quando fortes emoções negativas estão presentes num relacionamento íntimo, sendo assim, na maior parte dos relacionamentos próximos, as emoções positivas e negativas coexistem e a ambivalência é comum, mas, com a idealização após a morte de um ente querido, podem surgir sentimentos intensos de culpa pelas emoções negativas.

De acordo com Mota (2008) os adolescentes podem experimentar durante o luto cerca de outras respostas que podem necessitar de um pouco mais de cautela – baixa autoestima, tristeza,

culpa, desamparo, sentimentos de rejeição e intensa negação da realidade da morte – porque podem levar à agressão, comportamento anti-social perigoso e até ideação suicida em jovens. Adquirindo uma infinidade de mudanças temporárias, variando desde insônia, náusea, falta de apetite ou vontade repentina de comer, dor no peito, febre, processos infecciosos, tremores, flacidez, inclusive citações que relatam sentir ansiedade e preocupação com a própria mortalidade.

...eu tenho medo de morrer, ai se eu morrer, eu quero mesmo a morte normal eu não quero facada, eu não quero tiro, não quero nada, quero morte normal, de velhice, não sei ... quem manda é Deus, né ... Ah! Sei lá ... tenho um medo danado, lascado, de deixar tudo para trás. (menina, 17 anos, perdeu o pai assassinado) (DOMINGOS; MALUF, 2003, p.5).

4.3- A oposição da elaboração do luto na adolescência

Segundo Kovács (2012), o indivíduo no período juvenil possui um entendimento sobre a concepção da morte, não tanto ao ponto de ter uma compreensão saudável e realista da mortalidade que pode contribuir para o desenvolvimento emocional e psicológico.

De modo que, o comportamento adolescente em desafiar a morte, como praticar esportes radicais sem proteção ou guiar um automóvel em alta velocidade, reflete a postura de invulnerabilidade típica do adolescente, na qual os jovens muitas vezes se veem como indestrutíveis. Representando uma procura de imortalidade, sempre subestimando a mortalidade, e desafiar a fragilidade humana com desejo de heroísmo, força, beleza ou onipotência. Influenciada pela falta de maturidade e entendimento sobre a finitude da vida. Conforme destacado no trecho abaixo.

Não comento nada com ninguém... Porque ninguém vai dar jeito no que eu sinto. Ninguém vai trazer o meu pai de volta. Então eu acho que... fica só para mim. Eu não comento com ninguém, uns podem... até mesmo debochar ou falar alguma piadinha com relação a isso. Ou não ligar, assim ...saber do que eu sinto não tem importância para eles. Ah, por exemplo: eu tenho meu pai, você não tem, problema é seu. Eu já comentei com algumas amigas, mas assim, digamos, no passado, né. E elas não deram muito valor no que eu sentia e no que eu falei. Não ligaram muito e não me deram atenção. Então eu me senti muito mal. E a partir deste momento eu decidi que não comentaria com ninguém (menina, 17 anos) (DOMINGOS; MALUF, 2003, p. 5).

Como citado acima, os adolescentes vivem sob uma pressão que é dada pela sociedade, na qual deve-se ser totalmente obcecados pela felicidade, com vidas perfeitas, anti demonstrações de sofrimento. Uma abordagem imatura que é ensinada desde a infância, que sempre será melhor engolir nossa tristeza e escondermos nossa realidade. Negando fazer parte da própria vida, a tristeza acaba virando fraqueza, que simplesmente vira uma doença. Portanto, um silêncio que dói, com temor de ser desprezado, amedrontamento de se expor e parecer vulnerável, sentimentos de constrangimento que fazem repensar os sentimentos.

Mas o que realmente os adolescentes estão sentindo? Se nunca foi permitido dar voz ou sentir as emoções, na tentativa de conter nossos sentimentos, perdemos o controle. Ainda sim, de modo algum tem o entendimento de que calar as próprias emoções envenenam a alma.

Neste sentido, a exploração sobre as reações decorrentes do luto na adolescência, exibiram determinadas situações e estudos sobre a oposição da elaboração do processo do luto nesse período.

Diante da afirmação, Ferrari (1996) ressalta a importância do recurso de defesa que os adolescentes geram para enfrentar possíveis dificuldades e mudanças emocionais que surgem durante essa fase da vida, que desempenham um papel crucial na adaptação a novas experiências, emoções intensas e desafios psicológicos. Podendo se tornar patológicos quando o adolescente se sentir sobrecarregado.

As dificuldades relacionadas a elaboração do luto na adolescência promove uma vulnerabilidade específica aos jovens, apontando um fator de risco ao luto complexo, visto que a perda durante esse período dispõe de assuntos proeminentes em diversas exemplares da psicopatologia, percebidos como fatores de risco para a doença mental (BOWLBY, 2004B; PEREIRA, 2004; DOMINGOS, 2000).

Atrelada na ideia de vulnerabilidade e sinalização de uma certa restrição e medo de expressar um sentimento ou emoção que pode ser mal interpretado ou que não seja bem aceito. O adolescente se priva do processo ao ter dificuldades em se aprofundar nos sentimentos quando tenta compartilhar, e obter uma convicção em relação à auto-suficiência: se bastar a si próprio para se livrar do sofrimento.

A imaturidade e ignorância sobre a forma de lidar com o assunto, o ápice de sua transformação pode ser catastrófica e determinante na formação do adulto que está se tornando. Ao tentar canalizar o sentimento, evitando o diálogo para não lembrar do ocorrido para não sofrer. Considerando a perda como assunto privado, na ideia pela qual supostamente ninguém compreenderia.

Visto que, a falta de diálogo predispõem para o desenvolvimento do luto complicado, que conseqüentemente dificulta o processo de reconhecimento da realidade da perda e socialização do pesar. Precisamente, quando o conhecimento tardio da perda e as tentativas de ocultar o acontecimento naturalmente afeta a expressão do luto

A associação entre luto mal solucionado na adolescência e as repercussões negativas, doenças crônicas e a exageradas reações clínicas como autoria e danos relevantes na auto-estima, no desempenho escolar e profissional e nas relações interpessoais salienta a relevância sobre a inibição ou supressão da exibição das reações correspondente a perda consegue gerar sentimentos de responsabilidade e de inadequação, que podem ser expressadas como forma de agressividade, atitudes de desafio a figuras de autoridade, uso e abuso de drogas, problemas que tradicionalmente rondam e ameaçam os adolescentes (MOTA, 2008) além de interferir na vida social e no desempenho escolar.

Neste contexto, cabe destacar que o processo de luto antecipado ou adiado na adolescência vivencia as dificuldades em enfrentar suas emoções e reações. Evidenciando a aparição de perdas passadas no decorrer da fase de desenvolvimento, estabelece chances de fragilidade nos vínculos estipulados com os falecidos como elemento influente sugerindo que o luto está intrinsecamente ligado à profundidade do vínculo.

Por isso, Monteiro et al (2017) destaca que perante a imposição da mortalidade os primeiros mecanismos de defesa seriam a negação e o isolamento para enfrentar a realidade da perda provedora de um enorme sofrimento e angústia, que correlata a um sentimento de desamparo subjetivo, vivenciado por alguns familiares e jovens que enfrentam o luto antecipatório.

4.4- Rede de apoio

O processo do luto por envolver diversos sentimentos e desafios, ainda mais na fase da adolescência, onde torna-se necessário a elaboração de estratégias que auxiliem o enfrentamento desse processo e por isto, a necessidade de uma rede de amparo que facilite e deixe esse momento um pouco mais tranquilo. Com por exemplo a rede de apoio, De acordo com Luna (2023) refere-se a um sistema de pessoas, grupos ou organizações que oferecem suporte emocional, social, prático ou mesmo financeiro a um indivíduo ou a um grupo de pessoas. Essa rede é construída para fornecer assistência em momentos difíceis, desafios ou situações em que o suporte é necessário.

Nos estudos referentes ao luto, destacam-se que algumas pessoas enlutadas podem se sentir sobrecarregadas pela experiência da perda, provocadas por um ciclo complexo de emoções: negação do fato, raiva, depressão, tristeza, medo, aceitação, incertezas, saudades, dor, a perda de vontade da realização de tarefas do dia-a-dia, se isolando.

Diante desse contexto, possivelmente ocorrerá um impacto negativo na vida do adolescente enlutado, seja na escola ou na universidade, refletido em notas mais baixas, afastamento de atividades anteriormente prazerosas, distração e falta de atenção nas aulas, além do distanciamento de colegas próximos.

A ausência de acolhimento, tanto por parte dos colegas, muitas vezes desconcertados sobre como agir, quanto dos professores, que se sentem desorientados sobre o que e quando abordar ou até mesmo por não ter se dado conta da mudança do adolescente, pode agravar ainda mais a situação psicológica do adolescente (LUNA, 2023).

Segundo Marques e Demartini (2011, p. 55), “A importância da educação para a morte é um assunto que necessita ser tratado e repensado conforme a experiência e necessidade de cada escola” na qual, a formação continuada para professores deveria ser essencial, pois os capacita a lidar com diversas situações, incluindo o luto, tornando-se um um apoio eficaz e emocional. Os preparando para compreender e abordar essas situações para proporcionar um ambiente de aprendizagem mais seguro e favorável.

Além disso, o Governo deve trabalhar em políticas públicas educacionais nas escolas, capaz de propiciar um espaço para os adolescentes expressarem as suas ansiedades diárias facilitando o trabalho com as pessoas enlutadas para construir uma rede de apoio confiável e eficaz. Assim, ajudando a desconstruir a visão da escola como uma instituição que só se interessa pelos alunos quando estes têm problemas, promovendo assim uma abordagem preventiva ao bem-estar dos alunos (REZENDE, CATARINO, 2017).

Outro ponto que é importante destacar como rede de apoio, são as mídias sociais e a internet, a partir das redes sociais, que têm se consolidado como poderosos meios de comunicação na contemporaneidade. Conforme Peruzzo et al (2007, p. 98) “Atualmente, a Internet tornou-se uma ferramenta, na qual a liberdade de expressão é possível [...]. Talvez seja essa uma das razões pelas quais as pessoas conseguem manifestar os sentimentos tão particulares decorrentes do luto nesse meio” sendo comum observar enlutados compartilhando a dor de suas perdas na internet, uma prática que abrange tanto adultos quanto adolescentes, que cada vez mais aprofundam no universo virtual, expressando a saudade que ficou.

Ou seja, as mídias sociais tornaram-se uma ferramenta onde a liberdade de expressão é possível, sendo este talvez um dos motivos pelos quais as pessoas conseguem manifestar sentimentos tão particulares decorrentes do luto. Porém, é crucial analisar quando essa expressão de luto ultrapassa os limites saudáveis na elaboração da perda. Prolongando o sofrimento ou negando a realidade pode vir a complicar a vida do enlutado, especialmente em adolescentes que estão em pleno desenvolvimento (REZENDE, CATARINO, 2017).

Uma das redes mais próximas é o suporte familiar, ainda é um dos mais importantes pontos de apoio no luto, conforme destaca Gonçalves e Bittar (2016), uma vez que a instituição familiar corresponde a um sentimento de pertencimento e está mais presente e estável ao decorrer da vida, especialmente por ser uma rede forte e positiva, para conversar, compartilhar lembranças e expressar emoções que pode ser reconfortante para tirar as forças necessárias para seguir em frente.

Por fim, também destaca-se a amizade como uma rede de apoio não formalizada ao adolescente, porém é baseada em emoções ambivalentes, reconhecendo na própria experiência a tensão entre a vida e a morte. Independente da situação, seja se divertindo no cinema ou em uma

festa, até às mudanças de comportamento, especialmente ao comportamento agressivo. Situações que um adulto, seja familiar ou professor, percebe uma falta de atenção, uma atitude indiferente, o amigo apenas sabe e reconhece que ele está “mal”, e que ainda não sabe como irá atravessar e compreender o novo que se apresenta a partir da morte daquele é amado (LUNA, 2023).

Cabe destacar que a rede de apoio, também é composta por profissionais de saúde, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e terapeutas especializados em luto que podem oferecer suporte profissional, desde que sejam acionados e que se reconheça e aceite a necessidade de atendimento. Que nestes casos podem ser realizadas a partir de terapias individuais, seja ela em visita domiciliar após a morte de seu ente querido ou qualquer outro modo que ofereça um apoio, diante de uma situação de perda que ofereça uma atenção necessária. Ou até mesmo em grupos específicos de apoio ao luto para adolescentes, onde eles podem se conectar com outros jovens que passaram por experiências semelhantes. Proporcionando um ambiente seguro para compartilhar e compreender o luto (LUNA, 2023).

Com isso, é de suma importância ter pessoas à sua volta para atravessar esse momento. É muito significativo o papel dos pais, da escola e, principalmente, dos amigos que fornecerão o apoio para que essa dor possa ser compartilhada. Facilitando a comunicação de adolescentes sobre seus sentimentos e desafios enfrentados na vivência de adoecimento e morte de uma pessoa querida, que necessitam a combinação desses recursos para um sistema de apoio abrangente e que talvez só deve ser ofertado a impotência ou mesmo o silêncio, para que o outro possa se expressar em sua necessidade.

5. ESCRIVIVÊNCIA SOBRE O LUTO NA ADOLESCÊNCIA (NARRATIVA DE VIDA)

Este último capítulo aborda a minha experiência de luto, a partir da escrita referenciada por Conceição Evaristo², denominada escrevivência, um cenário que não se restringe apenas ao campo literário, mas que ganha notoriedade nos textos acadêmicos, a partir da análise qualitativa das narrativas de vida, que segundo Soares e Machado (2017):

utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.

Segundo a discussão central que reside na concepção da perspectiva de Freud, o luto é uma reação natural que envolve expressar emoções e lidar com ambivalência em relação à perda. A análise reside na concepção do eu como um processo de lidar com a perda do objeto, destacando o "trabalho de luto" como uma tarefa progressiva e dolorosa. Além disso, o luto é influenciado pela história da morte, refletindo crenças e valores culturais ao longo do tempo.

Dentre esta definição eu autora desta obra abordo a minha experiência de luto vivida na minha adolescência, que mudou no dia 13/08/2021 quando passo pelo meu primeiro trauma da perda afetiva. Sinceramente, não foi o fim do mundo, mas uma parte de mim morreu naquele dia.

Abertamente, ainda consigo descrever esse dia a partir do momento em que eu estava em casa e recebi a notícia sobre o seu atropelamento, a sensação de desespero que foi velo impossibilitado, pega-o no colo e ver somente uma brechinha do seu olho. Correr para a enfermaria, ainda no caminho pedindo pelo amor de Deus que não te levasse, observar aquelas pessoas tentando te reanimar, mas não te ver reagindo, ser expulsa da sala, parecia que eu já sabia. Logo depois recebi a notícia de que não tinha jeito, não tinha como, você estava todo quebrado por dentro, o que não fez muito sentido, pois o seu corpo estava externamente em perfeito estado.

² Conceição Evaristo é uma renomada escritora, poeta e professora brasileira, reconhecida por suas contribuições significativas para a literatura brasileira, Evaristo é uma voz muito importante na representação da mulher negra na literatura contemporânea.

Ao retornar a minha casa, nossa casa, não havia possibilidade de me conter-me. Quem iria-me pedir carinho? Quem iria passear pela casa como um foguetinho? Quem iria-me seguir pela casa? O que ia acontecer com o seu espaço? Como ia ser acordar e não te ver ali? O choque foi grande, pior ainda ao acordar no dia seguinte quando me deparei e vi que eu havia perdido o meu primeiro cachorro.

A raiva me tomou conta, e os meus pensamentos eram: por que ele tinha que morrer? Por que Deus não me escudou? Por que todos estavam felizes e eu não? por que ele tinha que levar o MEU cachorro? Eu saía na rua e sentia uma inveja ao ver todos felizes e com o seu animal de estimação. No decorrer, um conjunto de emoções, na qual foram expressas de maneiras que nem sempre são racionais foram geradas, a culpa, frustração, irritabilidade, desânimo. Não conseguia me alimentar, sair mais de casa, sair da minha cama, possuía um medo, uma tristeza, eu precisava me isolar do mundo.

Em menos de um mês, sofri a minha segunda perda, 08/09/2021 recebi a notícia e mais uma vez aquele sentimento. A raiva era a única emoção que me dominava “Em menos de um mês, ele me tirou duas pessoas” “Todo mês vai ser uma pessoa?”. Assim pela primeira vez eu vivencie um velório, três horas de pura tortura, não reconhecia quem estava dentro daquele caixão, aquela não era a minha vó! Não era possível, eu nunca tinha visto ela assim. Quando eu parei para perceber e olhar ao meu redor, só evidencie pessoas chorando de soluçar, desmaiando e de repente o caixão se fechou. Só havia terra e uma rosa-branca que eu carregava.

Sai do funeral consciente de que não iria ter mais ligação de madrugada, no meio da noite me perguntando como eu estava. O sentimento de culpa de não ter atendido diversas ligações, de não ter vivido tanto quanto eu queria viver os momentos com ela, eu necessitava voltar no passado e dizer o quanto eu a amava, pois, eu não me recordava se um dia eu havia dito.

Em dezembro, no dia do nascimento de Jesus, 25/12/2021 veio a terceira perda. Eu não possuía forças, na minha cabeça eu não queria passar por essa experiência novamente nem tão cedo. Simplesmente, o homem que gerou uma família de mais de sessenta pessoas, que me permitiu possuir o mesmo sobrenome, o homem que acordava às quatro da manhã, que cuidava do jardim como se fosse um filho, havia partido. Consequentemente, mais um velório. A família

que só se reunia para festas, infelizmente se reuniu por causa de uma perda. E mais uma vez eu me encontrava com uma rosa-branca na mão e terra nos calçados.

Ao deparar-me, hoje percebo que eu passei por um processo bem doloroso, que não tinha ideia do quão delicado era. O luto para mim era algo extremamente simples e insignificante, a meu ver você perdia alguém hoje e amanhã já estava recomposta. Como se fosse um jogo que você perdia, aceitava, mas não gostava. A dor não tinha essa profundidade, na verdade, eu não compreendia sobre o tema e percebo que não é a minha culpa, nunca ninguém tinha tocado no assunto.

Pelo simples fato da sociedade não fazer questão de abordar e discutir um assunto bem relevante como é o luto e associarem a sentimentos negativos e frágeis, visto como um tabu. Em que vivemos numa ditadura da felicidade, que desencoraja e não fornece o suporte e acolhimento necessário para os enlutados. Se hoje eu consigo falar que eu passei pelo luto sem que ele virasse patológico, foi pela minha rede de apoio familiar que sustentou uma boa parte da minha carga.

Essa idealização que alimenta uma ideia de repressão emocional, como fizeram comigo durante essa perda. Muitos vinham me consolar como se fosse errado eu estar sentindo aquela dor, me dava uma raiva ter que escutar frases como: “vai passar, foi da vontade de Deus, foi melhor assim, daqui a pouco você está melhor, descansou” me fazia querer chorar e expor mais os meus sentimentos que estavam transbordando.

No entanto, nunca me perguntaram o que eu queria, se eu queria ajuda, se eu queria ficar sozinha, ou se queria que ela se calasse. E eu nunca consegui expor isso, hoje eu consigo dizer “estou vivendo a minha ausência para que essa dor se distancie e vire saudade” uma saudade que não tem fim.

Eu pergunto-me, do mesmo jeito que quem deve ler também pode se perguntar. Com que uma menina de dezoito anos pode contribuir com essa narrativa? Eu também não sei, mas a ideia de colocar os meus sentimentos, o meu trauma numa escrita, me remete a uma força, que eu não sei o por que, talvez pela ideia de que pela primeira vez eu não me sinta esmagada pela dor da realidade. Em saber que o pior dia do luto, foi o dia normal, mas hoje eu consigo falar os nomes das minhas perdas, mas não consigo conter o meu choro.

Finalmente conseguir expor as minhas emoções tentando com o conhecimento, esse trabalho e com a minha experiência, ajudar a levar mais informações e acolhimento aos adolescentes que estão passando pelo luto e também para aquelas que ainda um dia vão passar.

E a pergunta “Como vivenciar o luto na adolescência?” não tem uma resposta certa, não tem receita, cada um tem o seu luto, o processo é individual. Acima de tudo compreender que a vida é um constante luto, em que ganhamos e perdemos o tempo todo, na qual a sensação de perdas e ganhos sempre existir nas nossas vidas, e que a vida nunca vai ter uma constância, porque sempre vai faltar algo ou alguém. Além disso, por mais que os sentimentos de perda sejam tristes, é necessário aprender a encarar a situação de frente, pois a vida se trata disso.

Mas a ideia de você se conhecer, conhecer as suas emoções e pelo que está passando, ajuda a ter um processo saudável. Sobretudo, o papel das redes de apoio é de extrema importância, pois elas desempenham um papel crucial no fornecimento do suporte necessário para compartilhar a dor. Essa colaboração facilita a comunicação entre os adolescentes, permitindo que expressem os seus sentimentos e enfrentam os desafios associados ao adoecimento e à perda de um ente querido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição do referencial teórico abordado nos três capítulos, que trazem uma discussão teórica e uma exposição literária do luto e a adolescência, e suas implicações na vida dos sujeitos, onde destaca-se a discussão sobre a temática do luto sob a perspectiva psicanalítica de Freud, realçando as complexidades emocionais e psicológicas envolvidas nesse processo. A partir da visão freudiana, o luto é compreendido como um período de ajuste emocional após a perda de algo significativo. A exploração dessas complexidades revela que a sociedade muitas vezes desconhece ou demonstra desinteresse em relação à experiência do luto, o que pode agravar a fragilidade mental da pessoa enlutada.

Esses conflitos podem ter impactos significativos na formação da identidade, na qual a compreensão da morte durante a adolescência, conforme Domingos e Maluf (2003), se

desenvolve ao longo do tempo. A qualidade da ligação pré-existente influencia a vivência do luto, evidenciando a importância dos vínculos na adaptação do adolescente às mudanças da puberdade. Compreendendo as particularidades da adolescência e oferecendo um suporte sensível, que são fundamentais para o enfrentamento saudável do luto. O diálogo e o apoio (redes de apoio formais e não formais) adequado podem contribuir.

Neste sentido, destaca-se a relevância social e a importância acadêmica do tema, buscando desmistificar a vivência do luto na sociedade

O último capítulo traz reflexões subjetivas do luto na adolescência, a partir das técnicas literárias de escrituragem de Conceição Evaristo, onde abordo as minhas experiências de luto na adolescência que considero uma visão poderosa e emocional. Em que, a intensidade das perdas, é destacada descrevendo o impacto profundo que o luto teve em minha vida. Com emoções complexas, que são exploradas de maneira franca, desafiando a noção muitas vezes simplificada do processo de luto. Enfatizando a importância de uma rede de apoio para enfrentar o sofrimento. Com uma escrita que serve como um meio de expressar e compreender as emoções, que contribui para a desmistificação do luto na adolescência. A autora que vos fala busca não apenas lidar com seu luto, mas também fornecer *insights* e apoio para outros adolescentes que enfrentam desafios semelhantes.

Vale destacar que esse estudo não esgota as abordagens teóricas sobre o luto na adolescência, onde as reflexões apresentadas podem servir de base para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, C. et al. **LUTO NA ADOLESCÊNCIA: REFLEXÕES a PARTIR DO FILME “SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE”**. São Paulo: Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências E Educação, vol. 7, nº 11, p. 1166–1176, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.51891/rease.v7i11.3158>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

ALMEIDA, T. **As marcas do luto e da melancolia na memória em A desumanização, de Valter Hugo Mãe**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande.

BOWLBY, J. **Separação: Angústia e raiva. Em Apego e perda**: Vol. 2 (L. H. B. Hegenberg & M. Hegenberg, Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1973.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco Legal – Saúde, um direito dos adolescentes**. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde do Adolescente e Jovens**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise**. Revista de Psicologia da UNESP, p. 13-24, 2013.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. **O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein**. Psicólogo informação, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87–105, dezembro de 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007>. Acesso em: 21 de set. 2023.

CRUZ, R. B. **Morte e luto: vamos falar sobre isso?**. Disponível em: <<https://blog.psicologiaviva.com.br/morte-e-luto/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. **Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, 577-589, 2003.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. v.13,n.25,p.17-31,2009.Disponível em:<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6160270>. Acesso em: 21. nov. 2023.

FARIA, S. M.; LEÃO, I. B. **Adolescência: um conceito de estágio de desenvolvimento psicossocial definido historicamente**. 2007. Disponível em: <<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

FERRARI, A. B. **Adolescência, o segundo desafio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

FILIPA, J.; MARQUES, P. **Luto Patológico - Revisão baseada na melhor evidência**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/42230/1/JoanaPMarques.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural**. Morte e desenvolvimento humano, p. 28-47, 1999.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo (SP): M. Fontes, 1996.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. **Principais temas abordados por jovens vestibulandos centrados na escolha profissional**, In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. et al, (org). *Orientação Vocacional Ocupacional*. 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

LUNA, I. **REDE SOCIAL DE APOIO NO LUTO: A QUEM CONFIAR MINHA TRISTEZA?!**. Maringá: *Psicologia Em Estudo*, v. 28, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/WDX9VNfWFdZqMnkDdcJgkqP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MAFFINI, T.; ROTT, F. **Cartilha de Orientação ao Luto Parental pelo direito de sentir**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CCDH/Cartilha%20de%20Orienta%C3%A7%C3%A3o%20ao%20luto%20Parental.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MARQUES, J. **Luto patológico: revisão baseada na melhor evidência**. Trabalho Final do Curso de Mestrado Integrado em Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/42230>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

MARQUES, P. R. M.; DEMARTINI, Z. **Luto na escola: um cuidado necessário**. Chapecó: Revista Pedagógica, UNOCHAPECÓ, n. 26, vol.01, 2011.

MELES, M. C. **O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar**. Ribeirão Preto: (EERP-USP), 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-06022015-182834/publico/MARINAC_ANDIANIMELES.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MONTEIRO, M. C.; MAGALHÃES, A. S.; MACHADO, R. N. **A Morte em cena na UTI: a família diante da terminalidade**. Rio de Janeiro: Temas em Psicologia, v. 25, n. 3, p. 1285–1290, 2017.

MOTTA, D. **Uma análise da adolescência ao longo da história**. FAPERJ, 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://siteantigo.faperj.br/?id=1654.2.5#:~:text=O%20termo%20%22adolesc%C3%Aancia%20%20vem%20do>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MOTA, M. M. **O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental**. São Paulo: USP,, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-30032009-103843/publico/monica_douorado.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

OIGMAN, G. Tabu da morte. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, p. 2248-2249, 2007.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: estudos sobre a adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 263-272, 1995.

PAPALIA, D.; OLDS, S. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 7 ed., 2000.

PEREIRA, K. M. **Adolescência, luto e enfrentamento**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

PERUZZO, A, S. et al . **A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet**. Rio de Janeiro: Estud. pesquis. psicol., v. 7, n. 3, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2023.

REZENDE, A. M.; CATARINO, E. M. **Luto na adolescência: reconstruindo a identidade**. In: II Colóquio de Pesquisa Multidisciplinar, 2017, Mineiros-Go. II Colóquio de Pesquisa Multidisciplinar, 2017.

RIVERA, T. **Luto e melancolia, de Freud, Sigmund**. Novos estudos CEBRAP, p. 231–237, 1 nov. 2012.

RODRIGUES, J. **A morte como um tabu**. *ComCiência* [online]. 2014, n.163, pp. 0-0. ISSN 1519-7654.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2ª Ed., 2006.

SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Campinas: Estudos de Psicologia, v. 22, p. 33-41, 2005.

SANTOS, Franklin Santana. **Perspectivas histórico-culturais da morte**. A arte de morrer–Visões plurais, p. 13-25, 2007.

SILVEIRA ET AL, Jessica et al, **O luto nas diferentes etapas do desenvolvimento humano**. In: SILVEIRA ET AL, Jessica et al. Psicologia em foco: temas contemporâneos.

SOLEDADE E SOUZA, Sunamita e Lígia. **O peso do luto: um estudo sobre as representações da morte e o processo do luto na sociedade contemporânea**. In: DIVERSIDADE, MEIO AMBIENTE E O PROCESSO INTERDISCIPLINAR NA CONTEMPORANEIDADE- 1a Edição.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 nov. 2023.

TANIS, Bernardo. **Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência**. Rev. bras. psicanál, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 39-50, set. 2009.

TOMIO, N.A.O; FACCI, M.G.D. **Adolescência: uma análise a partir da psicologia sociohistórica. teoria e prática da educação**, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/tpe.v12i1.14059>>. Acesso em: 22 mai. 2022.